

Menos ainda é mais

René Sampaio

Especial para o **Correio**

O curta-metragem costuma fazer de sua fraqueza, que são as poucas condições de produção, a sua força, tirando da inventividade dos realizadores as saídas criativas para driblar as adversas condições de produção.

Este ano, não foi diferente. É possível observar em muitos curtas soluções que, ainda que muito baratas, não prejudicam o entendimento e, muitas vezes, são o forte da narrativa. Em alguns casos, porém, a falta de dinheiro não conseguiu ser driblada comprometendo a realização.

Dois filmes, em especial, mereceram atenção redobrada. *Um Pouco Mais Um Pouco Menos*, de Marcelo Masagão e Gustavo Steinberg, e *Palace II*, de Fernando Meirelles. Opostos em quase tudo, foram grande sucesso de público em suas exibições.

Um Pouco Mais... é um documentário simples, barato e sem locução. Todas as informações estão inseridas em legendas que contrapõem os contrastes das grandes concentrações urbanas. Imagens aéreas da cidade de São Paulo e fotomontagens nos convidam a um passeio em que, conforme o próprio diretor, a dor de 1 é tragédia, enquanto a morte de 1 milhão é estatística. É preciso, criativo, envolvente e de baixíssimo custo.

Já *Palace II* é a única superprodução da mostra. O filme, que havia sido exibido na Rede Globo no programa *Brava Gente*, é um ensaio do diretor para o próximo longa. Talvez por isso mesmo outros festivais tenham preferido apresentá-lo como *nors-concours*.

Muitíssimo bem dirigido e

Divulgação



UM POUCO MAIS UM POUCO MENOS, DE MARCELO MASAGÃO E GUSTAVO STEINBERG: BARATO, CRIATIVO E ENVOLVENTE

montado, *Palace II* ainda conta com fotografia belíssima, toda trabalhada eletronicamente num processo digital. Meirelles trabalhou com moradores da favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, ao invés de utilizar atores consagrados. Diálogos rápidos e engraçados dão certo tom de humor negro à história de duas crianças que tentam conseguir dinheiro para ir a um show de pagode, sem se envolver com o tráfico de drogas no morro. As diversas qualidades do filme conquistaram o público.

Entre os outros curtas da mostra, *Negócio Fechado*, do estreante Rodrigo Rosa, é um dos filmes que conseguiu tirar de

suas limitações um bom resultado. Filmado em apenas uma locação, uma fazenda no interior de Minas, o diretor conseguiu cativar justamente por sua simplicidade e bom humor. Uma dupla de atores muito bem-entrosada dá o tom mineiro da história, sem deixar o sotaque caipira cair no ridículo.

Retrato Pintado, de Joe Pimentel, e *O Comendador*, de Armando Lacerda, voltam os olhos para o interior do Brasil. Cada um à sua maneira nos convida a uma viagem no tempo. *Retrato Pintado* seduz pela poesia e pelo delicado trabalho de colorização de fotografias em preto-e-branco, um processo

que, no século passado, era muito comum nas pequenas cidades. Já o filme de Lacerda, o único representante de Brasília na mostra, chama atenção pela mistura entre ficção e documentário ao contar a dramática história de um rico comendador, na cidade de Pirenópolis, que tem sua vida abalada por sucessivas tragédias.

Seu Nenê, de Carlos Cortez, é outro dos cinco documentários que fizeram parte da mostra este ano e se sobressai pelo lirismo do personagem principal e pela belíssima fotografia em preto-e-branco.

Outro destaque da mostra foi Débora Falabella, no curta *Françoise*, de Rafael Conde.

Numa atuação repleta de nuances e muito segura, ela cativa o público e leva o espectador a acompanhar a montanha russa emocional da personagem. Trabalho difícil num texto bastante literário.

Como todo ano, algumas ausências foram sentidas. *Palíndromo*, de Felipe Barcinski, e *A Canga*, de Marcus Villar, são dois excelentes curtas que ficaram fora da mostra competitiva por terem sido vencedores de outros festivais. Essa regra em Brasília é bastante polêmica, mas clara. Mesmo assim, os dois excelentes filmes poderiam ter sido convidados a uma exibição fora de competição. Quem perdeu foi o público, que deixou de conhecer as duas obras.

Outro que poderia estar na mostra principal é *O Jardineiro do Tempo*, do brasileiro Mauro Giuntinni. Um curta que discute a obra de Burle Max e a relação com a cidade. O filme agradou bastante ao público na Mostra do Filme Brasiliense.

Neste festival, poucos trabalhos foram inscritos pelos realizadores locais. Para o ano que vem, espera-se disputa muito acirrada para ver quem conseguirá um lugar ao sol na mostra competitiva, uma vez que muitos projetos ficaram para 2002. A falta de uma política constante de fomento à produção e o atraso no pagamento dos prêmios do último edital fez com que muitos cineastas adiassem as filmagens. Agora, é torcer para que, na próxima edição, tenhamos mais representantes de Brasília disputando o Candango.

■ RENÉ SAMPAIO É CINEASTA, DIRETOR DE *CONTATOS E SINISTRO*, VENCEDOR DO CANDANGO DE MELHOR CURTA (35MM) DO FESTIVAL DE BRASÍLIA DE 2000